

Cadernos
IHU *ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 22 | nº 364 | vol. 22 | 2024



Um olhar retrospectivo

Hans Jonas

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 22 | nº 364 | vol. 22 | 2024

Um olhar retrospectivo

Hans Jonas

Tradução de **Roberto Franzini Tibaldeo**, Doutor em Filosofia pela Università degli Studi di Torino, Itália e Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR e **Bruno Fonseca Ortega**, Bacharel em Filosofia e mestrando em Filosofia na área de Ontologia e Epistemologia pela PUCPR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXII – Nº 364 – V. 22 – 2024

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Hans Jonas | Wikimedia Commons

Tradução: Roberto Franzini Tibaldeo e Bruno Fonseca Ortega

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Um olhar retrospectivo

Hans Jonas

RESUMO: O presente texto de Hans Jonas (1903-1993) foi publicado pela primeira vez em língua inglesa em 1977 nos anais do Colóquio internacional sobre o gnosticismo realizado em Estocolmo em 1973. Naquela época Jonas era um pesquisador influente na área e por isso foi convidado para encerrar o congresso com esta palestra, na qual o autor analisa décadas de engajamento existencial e filosófico, examinando-as à luz de um “olhar retrospectivo” lúcido e irônico. Além disso, o relato biográfico e intelectual revela detalhes interessantes e até inéditos tanto sobre a especificidade da pesquisa jonasiana acerca do gnosticismo tardo-antigo e a recepção de seu trabalho entre os especialistas, como sobre questões mais amplas: o sentido do itinerário existencial do autor, a unidade de sua pesquisa filosófica e, por fim, a relevância atual do fenômeno gnóstico.

PALAVRAS-CHAVE: Hans Jonas. Gnosticismo. Antiguidade tardia. Nihilismo. Dualismo.

A Retrospective View

Hans Jonas

ABSTRACT: This text by Hans Jonas (1903-1993) was first published in English in 1977 in the proceedings of the International Colloquium on Gnosticism held in Stockholm in 1973. At the time, Jonas was an influential researcher in the field and was therefore invited to close the conference with this lecture, in which the author analyses decades of existential and philosophical engagement, examining them in the light of a lucid and ironic "retrospective view". In addition, the biographical and intellectual account reveals interesting and even unpublished details both about the specificity of Jonas's research into late antique Gnosticism and the reception of his work among specialists, as well as about broader issues, including the meaning of the author's existential commitment to philosophy, the unity of his research and, finally, the current relevance of the Gnostic phenomenon.

KEYWORDS: Hans Jonas. Gnosticism. Late Antiquity. Nihilism. Dualism.

NOTA INTRODUTÓRIA

O presente texto de Hans Jonas foi publicado pela primeira vez em 1977 nos anais do Colóquio internacional sobre o gnosticismo realizado em Estocolmo em 1973 (Widengren, 1977, p. 1-15). Como que Jonas era um pesquisador influente na área, ele foi nomeado Presidente honorário do evento e ministrou a palestra de encerramento, cujo texto em tradução portuguesa segue abaixo. No texto, o autor analisa décadas de engajamento existencial e filosófico, examinando-as à luz de um “olhar retrospectivo” lúcido e irônico. Além disso, o relato biográfico e intelectual revela detalhes interessantes e até inéditos tanto sobre a especificidade da pesquisa jonasiana acerca do gnosticismo tardo-antigo e a recepção de seu trabalho entre os especialistas, como sobre questões mais amplas: o sentido do itinerário existencial do autor, a unidade de sua pesquisa filosófica e, por fim, a relevância atual do fenômeno gnóstico. Ao ler o texto, a sensação que se sente é a de um filósofo tão influente quanto humilde, ciente da sua contribuição intelectual à comunidade científica e à humanidade e, ainda assim, sempre disposto a aprender, eventualmente deixando espaço às futuras gerações e para pesquisadores e pesquisadoras mais jovens e com habilidades de pesquisa diferentes das suas.

Agradeço à Academia Real Sueca de Letras, História e Antiguidades por autorizar a tradução e publicação em língua portuguesa desse maravilhoso texto jonasiano.

Roberto Franzini Tibaldeo

Um olhar retrospectivo

Hans Jonas

Tradução de Roberto Franzini Tibaldeo, Doutor em Filosofia pela Università degli Studi di Torino, Itália e Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR e Bruno Fonseca Ortega, Bacharel em Filosofia e mestrando em Filosofia na área de Ontologia e Epistemologia pela PUCPR

O Presidente Honorário agradece ao verdadeiro Presidente desta reunião a honra de o ter nomeado Presidente Honorário. Os encargos deste posto são pequenos; antes, devo dizer que não houve encargos, apenas uma demonstração de consideração aceita com gratidão por parte deste colóquio e de seus organizadores. Mas o único fardo de fato relacionado com o posto foi fazer o discurso de encerramento. Sobre isso o professor Geo Widengren escreveu-me o seguinte: “Penso que seria muito interessante para nós, por exemplo, aprender algo sobre as circunstâncias que geraram o seu interesse pelo gnosticismo, sobre os seus contatos com Rudolf Bultmann e possivelmente outros acadêmicos alemães, em suma, alguns fragmentos de

sua autobiografia como intelectual”.¹²

Uma sugestão mais tentadora não poderia ter sido apresentada a um acadêmico em sua idade avançada. Eu, pelo menos, me vi incapaz de resistir à oportunidade tão graciosamente oferecida para me ceder a uma *apologia pro vita mea*, na medida em que essa *vita* está vinculada com a história aventureira do gnosticismo durante esse século, que tem sido tão movimentado para a exploração do nosso campo. Pode-se até dizer que nesse século o gnosticismo, que está ligado ao desenvolvimento do cristianismo primitivo, amadureceu ou graduou-se de um campo para historiadores da igreja, e principalmente como objeto de duras críticas por parte dos Padres da Igreja, a um tópico que atraiu para sua órbita mais e mais estudiosos de diferentes campos. Atualmente, é difícil definir qual campo, qual seção específica de estudos é o verdadeiro lar da pes-

1 Esse texto foi publicado em G. Widengren (org.), *Proceedings of the International Colloquium on Gnosticism, Stockholm August 20-25, 1973*, KVHAA Handlingar Filologisk-filosofiska serien 17, p. 1-15. Estocolmo: Royal Swedish Academy of Letters, History and Antiquities e Leida: Brill, 1977.

2 *Nota prévia do autor.* Esta palestra foi proferida em uma improvisação livre, sem anotações, e inspirada pela atmosfera de intimidade que os dias anteriores do Colóquio criaram entre o palestrante e aquele público específico, pequeno e unido. Foi esta intimidade ligada à ocasião, mais do que a divagação devido à improvisação, que me fez hesitar em deixar a palestra gravada tornar-se parte dos anais oficiais (Widengren, 1977), tornando assim as manifestações pessoais do momento em uma declaração duradoura para um público mais amplo e anônimo. Meu consentimento final se deve principalmente à edição sensível da transcrição feita pelo Sr. David Hellholm, a quem expresso aqui meus sinceros agradecimentos por seu trabalho dedicado e engenhoso. Este texto foi revisado por mim mais uma vez, e agora o libero, ainda que não sem um sentimento de constrangimento, mas com o conhecimento reconfortante de que entre o público agora ampliado estão os amigos que foram os destinatários originais e tão gentilmente receptivos dessas indulgências autobiográficas. [Hans Jonas]

quisa em gnosticismo. Ela atravessa tantos âmbitos, mas não apenas isso, ela também toca na sua própria essência em tantas questões e dilemas do ser humano moderno, ou seja, em questões das quais o século XIX estava completamente inconsciente, felizmente para eles, e das quais nós, necessariamente, devemos estar conscientes no século deslocado em que vivemos. Há uma empatia com o gnosticismo, um elemento de atualidade, que não tinha desde a época em que os Padres da Igreja o combatiam como um perigo para o credo cristão.

Embora a tarefa que me foi dada talvez não seja desprovida de algum interesse geral, ainda assim devo pedir a sua indulgência por isso ser muito egocêntrico. Quando a solicitação para esta palestra chegou até mim, eu estava no alto dos Alpes austríacos, sem acesso às fontes ou às minhas próprias anotações, de modo que, quando me pedem para lembrar agora, eu realmente só posso lembrar, isto é, recorrer às lembranças à medida que estão prontas em mim. Não consegui verificar nada, nem títulos de livros nem datas de publicação, e às vezes certamente cometerei deslizes na cronologia e em outros assuntos. Definitivamente, esta não é uma apresentação acadêmica. Tendo, portanto, me declarado “inocente” e transferido a responsabilidade por esse tipo de palestra para o professor Widengren – que creio poder suportá-la –, posso agora me valer da liberdade que me foi concedida.

Relembrar é uma questão perigosa, como todo mundo sabe. O que se olha para trás e, especialmente, se cerca de 50 anos se passam entre o narrador e os assuntos sobre os quais ele vai falar, então, é claro, as coisas foram de alguma forma editadas na mente de

alguém, não intencionalmente, mas inevitavelmente. A pergunta que me foi feita é: O que me levou ao gnosticismo? Como não sou filólogo ou teólogo (e certamente não sou um teólogo cristão) ou historiador, mas entrei na universidade com a intenção de estudar filosofia na esperança de me tornar um filósofo, algumas palavras sobre as influências formativas de minha adolescência podem ser permitidas.

Nos meus últimos anos escolares, quando alguém começa a escolher o seu próprio alimento intelectual de forma um tanto independente do que os professores nos dizem, tive duas ou três experiências decisivas de leitura de natureza intelectual, moral e emocional. Aqueles foram os anos finais da Primeira Guerra Mundial e o início do período pós-1918. Um mundo entrou em colapso e os movimentos violentos de nascimento e, como mais tarde se descobriu, do aborto da República Alemã tomaram-se lugar. As duas ou três experiências mentais decisivas foram as seguintes: Em primeiro lugar, os *Profetas de Israel*, que li naquela época não em hebraico, mas em uma tradução fornecida pela escola protestante de crítica textual (a *Religionsgeschichtliche Schule*) em uma bela edição do que mais tarde se tornou minha própria editora, a Vandenhoeck & Ruprecht em Gotinga. Os tradutores foram Gunkel, Gressmann e outros (Gressmann *et al.*, 1911). Foi através de sua tradução histórica e de suas notas críticas ao texto, associadas a um comentário, que descobri os Profetas de Israel; não por meio do ensino religioso judaico de minha infância, mas por intermédio da versão protestante dessa escola. Em segundo lugar, *Immanuel Kant*, de quem li pela primeira vez a *Fundamentação da metafísica dos costumes*, que começa com esta frase imortal que ecoa pela minha vida de forma semelhante às

palavras dos profetas: “Es ist überall nichts in der Welt, ja auch ausserhalb derselben zu denken möglich, was ohne Einschränkung könnte für gut gehalten werden, als einzig *ein guter Wille*” [Neste mundo, e até também fora dele, nada é possível pensar que possa ser considerado como bom sem limitação a não ser uma só coisa: a *boa vontade*] (Kant, 2007, p. 21; grifo no original). E, em terceiro lugar, havia *Martin Buber*. Naquela época, li as suas famosas obras *Drei Reden über das Judentum* (Três discursos sobre o judaísmo, 1920) e *Die Legende des Baalschem* (A lenda do Baal Shem, 1922), o início do seu grande trabalho sobre o chassidismo, e, estranhamente, ele se misturou suficientemente com Kant e com os Profetas de Israel. Foi uma mistura que provavelmente não suportaria a uma crítica rigorosa de compatibilidade, mas de alguma forma isso se fundiu em minha própria mente, assim, quando entrei na universidade, duas coisas estavam claras para mim. Uma delas era que eu queria estudar filosofia. A outra era que a religião é um aspecto essencial da humanidade e que nenhum estudo de filosofia é possível sem que, de alguma forma, esteja associado a um estudo dos fenômenos religiosos. O quanto de comprometimento pessoal com uma ou outra religião ou credo que está em jogo em tal visão é uma consideração secundária. A primeira consideração foi que a religião, especialmente como parte da tradição do ser humano ocidental, é um aspecto tão indispensável em dar conta de si mesmo e de seu contexto, assim como a grande tradição da filosofia que começa com os gregos, com Sócrates, Platão e Aristóteles. De alguma forma, esta combinação me acompanhou ao longo da minha vida, e esta afirmação é a primeira tentativa de explicar o que levou um estudante de filosofia ao estudo do gnosticismo.

Mas, é claro, seria uma distorção fingir que as coisas são regidas apenas pela consistência interna, pela lógica intrínseca; o acidente e o acaso desempenham um papel. Sem certos professores, influências e tarefas estabelecidas em um momento ou outro, sem uma certa combinação de circunstâncias (para usar a palavra da carta do professor Widengren), que no meu caso se concentraram principalmente nos dois nomes de Heidegger e Bultmann, eu não teria me tornado o que sou, e o estudo do gnosticismo teria, para o bem ou para o mal, passado sem a participação de Hans Jonas. Foi essa combinação que encontrei em Marburgo que me levou ao estudo do gnosticismo por meio de uma sequência de eventos que relatarei brevemente, e que também explica um pouco porque eu pensava e ainda penso que o gnosticismo, além do desafio que representa para filólogos, historiadores, teólogos e assim por diante, também representa um desafio para o filósofo. Entre os filósofos, ainda sou, ao que parece, o único que agiu de acordo com essa crença; mas vou aqui, da melhor maneira que puder, dar conta de mim mesmo no âmbito dos estudos sobre o gnosticismo, onde, apesar de tudo, sempre fui algo como um estrangeiro, porque meu interesse não era exatamente o mesmo que o dos verdadeiros trabalhadores com os textos, ou seja, aqueles que leem iraniano, copta, turco etc., e que conhecem todo o campo em primeira mão.

Qual era a situação filosófica na época em que estudei na Alemanha, na década de 1920? Havia a figura poderosa de Edmund Husserl em Friburgo, o fundador da escola fenomenológica na filosofia, e havia seu discípulo, um jovem, impressionante e perturbador “Privatdozent”, Martin Heidegger, que de alguma forma transferiu o método fenomenológico, isto é, a descrição

cuidadosa dos fenômenos da mente, do campo puramente cognitivo ao qual Husserl o havia confinado (percepção, pensamento, conhecimento, conceituação e assim por diante) para os fenômenos da *existência*, ou seja, o indivíduo emaranhado nas *preocupações* da vida, sendo mais do que um *ego cogitans*, estando engajado no negócio da vida e dependente da “facticidade” de seu ser que ele mesmo não havia escolhido. Kierkegaard, além de Husserl, estava por trás de Heidegger: não o teólogo Kierkegaard ou Kierkegaard enquanto pensador cristão, mas o Kierkegaard descobridor do pensamento “existencial” como tal. Em outras palavras, na pessoa de Heidegger, o “existencialismo” havia entrado no domínio sacrossanto do estilo estritamente objetivo e descritivo da fenomenologia husserliana. Toda uma geração jovem ficou sob seu feitiço. Aconteceu que Heidegger, depois de eu tê-lo experienciado pela primeira vez atuar como “Privatdozent” sob Husserl em Friburgo, recebeu um chamado para Marburgo/Lahn, e seus fiéis alunos, inclusive eu mesmo, o seguiram. Uma das combinações mais maravilhosas surgiu lá, nomeadamente uma estreita amizade entre Heidegger e Bultmann. Era quase “bon ton” entre alguns dos discípulos de Heidegger irem também a Bultmann e estudar teologia do Novo Testamento e, se admitido, entrar no seminário de Bultmann sobre o Novo Testamento; e vice-versa, para os melhores estudantes ou mais favorecidos, ou sérios de Bultmann assistirem às palestras de Heidegger e, se admitidos, também serem membros de seus seminários. Como resultado, surgiu este consenso das mentes jovens: estude as duas áreas! Embora eu tivesse continuado o estudo do Antigo Testamento por três semestres em Berlim durante meus primeiros anos de estudante com Hugo Gressmann e

Ernst Sellin, além de frequentar a “Hochschule für die Wissenschaft des Judentums”³, eu me encontrei, por meio dessa combinação, subitamente um estudante de teologia do Novo Testamento.

Tentarei, se puder, resumir uma longa história. Muito cedo, em 1924, eu era um membro ativo do seminário do Novo Testamento de Bultmann, juntamente com outra aluna judia de Heidegger, a quem uma amizade para toda a vida me uniu desde então: no próximo ano faremos 50 anos que somos amigos. Ela é Hannah Arendt, cujo nome é certamente conhecido por alguns de vocês como o de uma filósofa política. Nós dois éramos os únicos judeus no seminário de Bultmann. Um dia aceitei uma tarefa que Bultmann me atribuiu, a saber, apresentar um relatório sobre o conceito de *γινώσκειν θεόν - γνώσις θεοῦ* (conhecer a Deus - conhecimento de Deus) no Quarto Evangelho. Permitam-me dizer algumas palavras sobre a importância do Evangelho de João para Bultmann. Em seu trabalho no Novo Testamento, ele se sentiu cada vez mais atraído por este Evangelho por razões que, eu diria, pertencem às não discutíveis, um tipo de decisão sobre a qual é totalmente inapropriado perguntar: É correto ou incorreto? Nunca o segui até lá, pois pessoalmente nunca gostei do quarto Evangelho em particular. Para mim, as epístolas de Paulo, que também aprendi a conhecer através de Bultmann, tornaram-se os documentos mais essenciais, mais interessantes, histórico e filosoficamente decisivos do Novo Testamento. Mas o amor de Bultmann era o Quarto Evangelho e, por meio dele, veio o ponto de contato com o gnosticismo: especialmente com os documentos mandeístas

3 O Instituto Superior de Estudos Judaicos foi um seminário rabínico estabelecido em Berlim em 1872 e fechado pelo governo nazista da Alemanha em 1942. [NDT]

recém-descobertos que saíram da mão magistral de Mark Lidzbarski (1920; 1925a; 1925b) e foram tratados pela primeira vez, se bem me lembro, em sua possível importância para os Evangelhos por Richard Reitzenstein (1919) em *Das Mandäische Buch des Herrn der Grösse und die Evangelienüberlieferung* (O livro mandaeano do senhor da grandeza e a tradição do Evangelho). Foi a possível influência da nomenclatura mandeana, de seu vocabulário e de suas imagens sobre o problema da autoria e de todo o significado e espírito do Evangelho de João, que trouxe Bultmann ao campo dos estudos gnósticos. E, então, um dia ele me atribuiu a tarefa de investigar o significado dos termos *γινώσκειν θεόν* – *γνώσις θεοῦ* no Quarto Evangelho para um relatório em sua sessão de seminário. Isto é o que eu quis dizer com o papel do acaso na história de uma vida. O Evangelho de João, do qual na verdade menos gostei de todos os livros do Novo Testamento, tornou-se meu destino por meio dessa conexão. Pois, quando preparei esse trabalho para o seminário (em 1925 ou 1926), eu me aprofundei, é claro, nos antecedentes que o próprio Bultmann havia apontado. Pela primeira vez, estudei os escritos mandeístas na tradução de Lidzbarski. Estudei Reitzenstein. Li o *Agnostos Theos* de Eduard Norden (1923), que havia sido lançado em uma segunda edição naquela época. Era um livro poderoso, que acho que tinha como subtítulo “Untersuchungen zur Formengeschichte religiöser Rede” (Estudos sobre a história das formas de discurso religioso). Eu me encontrei em um mundo, onde logo percebi uma coisa: esta não é apenas uma tarefa para um trabalho de seminário. Ela continuou crescendo sob minhas mãos. Bem, o resultado foi que cometi o que, por si só, é um pecado imperdoável. Em vez de usar meus trinta minutos da sessão

do seminário para o relatório e deixar uma hora e meia restante para discussão, mantive falando com base em anotações por duas horas inteiras e, no final da sessão, ainda não tinha chegado nem remotamente ao final do que tinha a dizer. Olhando para trás, acredito que isso determinou uma boa parte do meu futuro, porque o que aconteceu foi que Bultmann, que havia dito apenas algumas palavras no final, conversou comigo depois e disse: “Jonas, isso foi realmente importante! Você precisa continuar com isso! Isso é apenas um começo!”. Ele fez mais. Ele contou a Heidegger, que foi o meu orientador e sob o qual eu deveria escrever minha tese de doutorado, sobre minha apresentação, incluindo seu caráter inacabado. Heidegger conversou comigo sobre isso e disse: “Se você quiser, estou disposto a aceitar uma tese em filosofia sobre esse tópico ou algo relacionado a ele. Tenho a garantia de Bultmann de que ele servirá como coorientador para esse tipo de dissertação”. Isso resolveu a questão.

Qual era minha concepção então, quando comecei a trabalhar seriamente? O tempo chegou depois de muitos anos como estudante. Na Alemanha, naquela época, você podia prolongar seus estudos universitários pelo tempo que quisesse ou se seu pai permitisse, enviando mensalmente seu “Wechsel” (mesada). Também era possível mudar de universidade à vontade. Não sei como estão as coisas agora, mas naquela época mudei de Friburgo para Berlim, de Berlim de volta para Friburgo, de Friburgo para Marburgo. Quando Marburgo se tornou um pouco entediante para mim, depois que trabalhei na tese e não assisti mais às aulas, fui para Heidelberg por algum tempo, que era um lugar muito mais animado em alguns aspectos. Afinal, havia chegado o momento em que eu precisava produ-

zir algo e mostrar ao meu pai que eu não era um eterno estudante. Então, eu “concebi uma concepção”, para usar a linguagem gnóstica, e produzi uma emanção, por assim dizer, um fruto ainda sem forma, e seu nome seria “Pistis und Gnosis” (Fé e conhecimento/gnose). Eu queria abordar a seguinte questão: Por que a Igreja rejeitou o gnosticismo? Além da razão óbvia de que muitos de seus ensinamentos eram fantásticos e não estavam de acordo com os Evangelhos, por que a *gnose* como tal desde de Paulo foi rejeitada como uma possível opção? Por que a fé foi escolhida em seu lugar? Eu queria explicar isso para minha própria satisfação e investigar o significado dessa decisão importante, a favor da fé e contra a gnose. Percebi que a primeira coisa a fazer era tentar entender o que é fé e o que é gnose. Comecei com a gnose, por razões óbvias, pois tinha uma base familiar, nomeadamente os antecedentes filosóficos gregos do termo “conhecer”. Como estudante de Platão e Aristóteles, eu estava familiarizado (ou achava que estava) com o significado de conhecimento no contexto grego. E, assim, me propus como primeira tarefa descobrir o que há de diferente entre o significado gnóstico e o grego de gnose. Comecei a coletar material da literatura patristica (que ainda tenho em minhas mãos, em copiosas anotações, destinadas a nunca serem usadas) sobre o significado de “conhecer” no contexto religioso. O significado acabou sendo muito diferente daquele do conhecimento teórico na filosofia e na ciência, e os próprios pensadores religiosos estavam cientes dessa diferença. Como exemplo, refiro-me à frase do Gênesis “Adão conheceu Eva, sua mulher” (4,1). Ali, “conhecer” representa a união sexual, e os Padres da Igreja já usavam a frase exegeticamente para denotar um conhecimento que termina em uma união recípro-

ca com o seu objeto – a saber, Deus – em oposição ao conhecimento teórico e “distanciado” dos gregos. Você ainda encontra Lutero fazendo o mesmo uso desse paradigma hebraico. Claramente, “conhecer a Deus” no sentido hebraico é diferente do conhecimento do Divino no sentido aristotélico. No entanto, nenhum dos dois é “gnóstico”. Mas há um terceiro sentido: “gnose” como conhecimento *místico*, e isso a passagem do Gênesis é particularmente apta a representar quando lhe é dada essa virada (da qual a exegese patrística em geral se absteve). Foi nessa direção que comecei a procurar o significado de $\gamma\omega\tilde{\nu}\sigma\iota\varsigma\ \theta\epsilon\omega\tilde{\nu}$ (conhecimento de Deus) no contexto gnóstico; e uma vez que tivesse discernido tal tipo salvacionista de “conhecimento” com sua própria fenomenologia, de repente vislumbrei, como em uma luz ofuscante, a hipótese possível, não persuasiva de que o que os gnósticos entendiam por gnose não está de forma alguma confinado a eles no contexto histórico da antiguidade em declínio: Em vez disso, o que os filósofos platônicos posteriores – Plotino, Porfírio e outros – tinham a dizer sobre a forma mais elevada de conhecimento, sobre a união com o Uno, é outra versão mais refinada desse mesmo tipo de conhecimento que vai além do conhecimento do “logos” e da “teoria” na tradição grega. Em outras palavras, de repente descobri os meus termos ampliados para além da esfera suficientemente vasta do pensamento teológico – cristão e judeu, ortodoxo e herético – e se estenderam também por toda a esfera do pensamento quase filosófico do final da era pagã que paira nesta curiosa fronteira entre filosofia e misticismo, onde é difícil dizer se é filosofia no sentido de Platão e Aristóteles ou se é misticismo. É claro que são ambos. Neste ponto, a vastidão do assunto me tirou do controle e

relegou a fé, o par original correspondente do meu tópico gêmeo, para um “depois” indefinido. “Pistis und Gnosis” encolheu para “Gnosis” pura e simplesmente. E decidi atacar isso desde o fim e não desde o começo, desde Plotino e os neoplatônicos depois dele, ainda tão tarde quanto Dionísio Areopagita, isto é: desde as elaborações filosófico-místicas daquele “saber” que é ao mesmo tempo uma união com a realidade divina. O meu objetivo nisto não era um registro da sua história, mas uma hermenêutica de sua fenomenologia tal como ela se manifestava nesses testemunhos. Esse foi o tema da minha tese de doutorado, *Der Begriff der Gnosis* (O conceito de gnose; Jonas, 1930), que apenas fez referências passageiras a toda a área mitológica do século II e concentrou-se principalmente no pensamento “tardo-antigo” dos séculos III e IV. No entanto, para uma futura publicação, tive que escrever uma introdução histórica para isso, ou seja, sobre a gnose mitológica do século II, que cada vez mais percebi que apresentava a verdadeira forma de carne e osso do que apareceu de uma forma tão espiritualizada e conceitualmente rarefeita nos pensadores místicos posteriores que tentaram manter o máximo possível dentro da tradição grega. Essa introdução, uma vez que a própria tese ficou para trás, transformou-se no primeiro volume de *Gnosis und spätantiker Geist* (Gnose e o espírito tardo-antigo; Jonas, 1934). E assim, o que minha posição no seu⁴ campo de estudos se baseia no fragmento de um fragmento do meu plano original. A partir de “Pistis und Gnosis”, ele centrou-se sobre a gnose e, a partir dela focou-se na gnose mitológica, principalmente do século II.

Quem eram os acadêmicos da área naquela época,

4 Jonas está se dirigindo ao público presente em sua palestra inaugural. [NDT]

além de Bultmann, que tinha uma maneira maravilhosa de me deixar fazer o que eu queria ou me sentia motivado a fazer? Quem eram as autoridades na literatura existente? Richard August Reitzenstein, a quem mencionei, era um tipo estranho de força, alguém que lhe dava um empurrão em uma direção e, depois de algum tempo revisou-se, depois de ter ficado sob alguma outra influência, ou de alguma outra luz brilhou sobre ele, e lhe deu um empurrão em outra direção. Primeiro estudei os *Poimandres* (Reitzenstein, 1904), e o gnosticismo era principalmente de origem egípcia. Depois, ele descobriu o Irã e as tradições “Urmensch-Gayomart” (O primeiro homem *Gayō Marətan*; Reitzenstein, 1921; 1927)⁵. Cada vez, ele conseguiu ter um especialista na área como seu conselheiro e tradutor dos textos. No período iraniano, acho que foi Friedrich Carl Andreas, em Gotinga, com quem ele colaborou. Cada vez que tal mudança acontecia, o estudante do campo tinha que se familiarizar da melhor forma possível com essa nova área de fundo para o gnosticismo. Da egiptologia à iranologia. Evidentemente, Adolf von Harnack quem, no início, enfatizou tão fortemente os antecedentes gregos com sua tese de que a gnose é “a aguda helenização do cristianismo” (Harnack, 1886, p. xvii; tradução nossa). Cada vez era preciso mudar, não necessariamente na convicção pessoal ou na concepção do assunto em si, mas pelo menos no inventário do conhecimento dos fatos, e nunca se conseguia realmente acompanhar o ritmo. A feliz situação em que as fontes para o gnosticismo eram os Padres da Igreja – Irineu, Hipólito, Epifânio, Tertuliano, etc. – que, afinal de contas, podiam ser lidos e onde se tinha um material bem definido, foi mudada de forma irreconhecível. Os

⁵ *Gayō Marətan* é o nome na língua avéstica antiga do mitológico primeiro homem na cultura do antigo Irã. [NDT]

fragmentos de Turfan⁶, que haviam sido descobertos no início do século, começaram a ser publicados lentamente, passo a passo, um processo que creio ainda está em andamento (cf. Andreas; Henning, 1932-34; Boyce, 1960). Em seguida, um conjunto de escritos de Mani⁷ em língua copta foi descoberta no Egito, que Carl Schmidt e Hans Jakob Polotsky começaram a editá-la (Schmidt; Polotsky, 1933; Schmidt, 1933). Além disso, Lidzbarski, como mencionei, trouxe à tona os documentos mandeanos. Em outras palavras, a situação ideal em que tudo poderia ser mantido em família, a família dos teólogos do Novo Testamento e dos historiadores da igreja primitiva, desapareceu e o indivíduo foi lançado neste campo aberto de textos sempre novos, em idiomas sempre novos, e você nunca poderia ter certeza de que tinha a evidência agora. Pelo contrário, você nunca conseguia acompanhar o ritmo, e ainda me lembro de como foi uma corrida com o tempo para colocar parte do material do Kephalaia⁸ na primeira edição de *Gnosis und spätantiker Geist*. Foi apenas tocar e ir. Acho que os dois primeiros “Lieferungen” (remessas) tinham sido imprimidos nessa época. Isso é familiar para você. Mal podia eu sonhar que vinte anos depois as comportas se abririam. Ninguém antecipou Nague Hamadi⁹.

6 Turfan ou Turpan ou Turfã, cidade da China na qual a partir de 1904 foram encontrados fragmentos de manuscritos do Evangelho gnóstico de Mani. [NDT]

7 Manes ou Mani (c. 216-276 d.C.), profeta de origem iraniana, fundador da religião gnóstica conhecida como maniqueísmo. [NDT]

8 Gênero de literatura desenvolvido pelas comunidades maniqueístas no início do império sassânida (III séc. d.C.) que se espalhou com a Igreja pela Eurásia e pelo norte da África. O Kephalaia foi preservado principalmente por dois grandes códices de papiro em tradução copta do Egito, datados do início do século V (Gardner, 2018). [NDT]

9 A Biblioteca de Nague Hamadi é uma coleção de textos gnósticos do cristianismo primitivo (I-III séc. d.C.) descoberta perto da cidade de Nague Hamadi (Alto Egito) em 1945, por um camponês local chamado Muhammad 'Ali al-Samman, que encontrou uma jarra

Enquanto isso, eu havia avançado em meu trabalho apesar dessas desvantagens, a maior delas era que o meu conhecimento linguístico estava restrito ao grego, ao latim, ao hebraico e um pouco de aramaico. Eu sabia o suficiente de aramaico para entender os termos mandeístas, mas nunca cheguei a aprender copta. Não previ, é claro, o que aconteceria mais tarde. Mas de alguma forma, em 1933, consegui terminar o manuscrito da primeira parte de *Gnosis und spätantiker Geist* sobre a gnose mitológica (Jonas, 1934). Depois veio 1933 e a ideia de uma “Habilitation”¹⁰ foi concluída, mas eu tinha o manuscrito. Fiz minha visita de despedida a Bultmann em Marburgo, o único dos meus professores acadêmicos que eu queria ver mais uma vez antes de emigrar. Londres foi a primeira parada da minha vida de emigrante. Fui para lá, não porque tive a intenção de me estabelecer na Inglaterra, mas porque queria terminar os estudos sobre o gnosticismo, e a biblioteca do Museu Britânico estava lá, assim como outra, a Biblioteca do Doutor William¹¹, a qual achei muito útil. Considerei Londres um lugar melhor para fazer esse trabalho e também a revisão do primeiro volume, para em seguida prosseguir para o meu destino final, Jerusalém, onde dificilmente teria encontrado tudo o que precisava em termos de fontes e literatura. De qualquer forma, pensei que este era o momento de entrar em

selada enterrada que continha treze códices de papiro embrulhados em couro. [NDT]

10 A “Habilitation” alemã serve como prova da capacidade de um indivíduo de pesquisar de forma independente e de ensinar em uma determinada área. Tradicionalmente, na Alemanha, a habilitação serve como qualificação formal necessária para se tornar um professor universitário. [NDT]

11 A “Biblioteca da dissidência protestante” (<https://dwl.ac.uk/index.php>) foi criada pelo testamento do Dr. Daniel Williams, o principal ministro não-conformista de Londres de sua época, que faleceu em janeiro de 1716. [NDT]

contato com alguns acadêmicos britânicos no campo do gnosticismo. Até agora, todos os meus professores diretos e indiretos, isto é, os autores dos livros que me instruíram, eram alemães: Reitzenstein, Bousset (1907; 1912a; 1912b; 1921, p. 183-215) etc., toda a *Religionsgeschichtliche Schule*, e também os orientalistas (exceto Franz Cumont [1923; 1931]). Enviei uma parte de meu manuscrito em *Gnosis und spätantiker Geist* para Francis Crawford Burkitt, cujo *Church and Gnosis* (Burkitt, 1932) eu havia lido com o pouco de inglês que sabia na época. É claro que não me passou despercebido o fato de que sua visão do gnosticismo era muito diferente, não apenas da minha, mas também da erudição alemã da época.

Contudo, não estava preparado para a resposta que recebi em uma carta do professor Burkitt. Gostaria apenas de mencionar que eu tinha, é claro, algo prático em mente. Afinal, tive de buscar contato no mundo não alemão, tendo deixado de ser um membro da comunidade alemã, não só da nação, mas também da comunidade acadêmica alemã. Eu tinha que me estabelecer de alguma forma em um mundo não alemão. Recebi de volta uma carta com o seguinte teor: Li o seu manuscrito com interesse, mas devo dizer-lhe francamente que, com este tipo de visão do assunto, que está completamente na veia alemã, você não pode ter esperança de fazer qualquer sucesso aqui. Lembro-me até da frase: “Em que público você está pensando? Quem deveria ler isso aqui?” Não foi uma carta encorajadora para um jovem acadêmico emigrado, mas abriu meus olhos pela primeira vez para o quão nacionalmente determinadas eram as diferentes visões de um mesmo assunto naquela época. Penso que já não é mais assim, mas naquela época, vir da escola alemã,

ou seja, de Reitzenstein, Bousset, Schaefer e Bultmann e assim por diante, era uma coisa ruim. Deu uma má fama, ainda que apenas acidentalmente, e certamente não politicamente naquela época. Este não é mais o espírito da pesquisa internacional de hoje em dia. Tive uma outra tentativa de “contatos” britânicos. Gershom Scholem, em Jerusalém, o grande estudioso do misticismo judaico, interessou-se pelo meu trabalho, já que ele leu partes do manuscrito. Quando soube que eu estava indo para Londres, ele disse: “Você precisa visitar uma velha amiga minha, Evelyn Underhill, uma autoridade de renome internacional em misticismo. Ela certamente estará interessada no que você está fazendo”, e ele me escreveu uma carta de apresentação para ela. Enviei-a para Evelyn Underhill e recebi uma resposta gentil. No devido tempo, fui convidado para tomar um chá e lá aprendi a conhecer o cerimonial inglês do chá: uma mesa bem-posta, prataria e porcelana velha, a presença de três ou quatro casais, etc. Era absolutamente um ritual. A Sra. Underhill, uma senhora idosa, frágil e de traços nobres, serviu o chá e depois dirigiu-se aos convidados sentados, um de cada vez, com as devidas perguntas educadas. Quando chegou a minha vez, ela disse: “Dr. Jonas, eu entendo que você está trabalhando com o gnosticismo?” Respondi entusiasmamente: “Sim, estou”. Ela disse: “Isso deve ser interessante!” - e passou para o próximo. Bem, lá se foi a minha tentativa de invadir o *establishment* britânico.

Em 1934, o primeiro volume de *Gnosis und spätantiker Geist* foi publicado na Alemanha, com aquele notável prefácio de Bultmann, que era sem dúvida o caso na época. Aliás, meus editores também sempre se comportaram de uma maneira muito boa em tudo o que diz respeito a mim e ao meu trabalho. Em 1935,

fui para Jerusalém, para lá continuar o meu trabalho e fazer parte desta nova comunidade sionista-hebraica. Isso significou uma mudança de linguagem – um longo trabalho de “sangue, suor e lágrimas”. Neste meio tempo, perguntei a mim mesmo: Como está indo *Gnosis und spätantiker Geist*? Pois um autor, e certamente um iniciante, espera por resenhas. Mas foi uma situação difícil para os revisores alemães. Como avaliar o trabalho de um acadêmico judeu emigrado? Se o elogiar, isso pode ser perigoso, e se o culpar, você fica sob a suspeita de não ter sido objetivo por motivos políticos. A saída para o dilema era, em grande parte: sem comentários. Houve uma exceção notável e inteligente. A revista *Gnomon* trouxe uma longa e minuciosa resenha, em inglês, feita por Arthur Darby Nock (1936): a única resenha extensa na Alemanha de *Gnosis und spätantiker Geist* foi feita na língua inglesa e por um acadêmico britânico que vive na América¹². Então, lembro-me de uma resenha holandesa feita por Gustaff Adolf van den Bergh van Eysinga (1935), e algumas da França. Finalmente, um dominicano franco-canadense escreveu uma longa monografia de cinquenta ou sessenta páginas sobre *Gnosis und spätantiker Geist* em um periódico que, penso eu, era uma publicação semestral editada pela Casa da Ordem Dominicana em Ottawa¹³. Bem, as coisas na Palestina e os desenvolvimentos na Alemanha e no mundo desviaram a minha atenção e, muitas vezes, o meu tempo do trabalho inacabado sobre o gnosticismo, e a questão das resenhas não era mais nem mesmo de interesse vestigial.

12 Para ser justo, deve-se acrescentar que alguns periódicos alemães podem ter esperado pela Parte II, cuja publicação iminente havia sido anunciada – de forma otimista – na capa da Parte I.

13 Infelizmente, as tentativas de identificação foram em vão. [David Hellholm]

Não vou incomodá-los agora com os anos de guerra, nos quais servi como voluntário no exército britânico, exceto para dizer que, isolado dos livros e de toda a parafernália acadêmica, fui forçado a suspender todo trabalho – pesquisa e escrita, até mesmo o pensamento – sobre *Gnosis* e a sua segunda parte meio-nascida. Em vez disso, empreendi uma revisão completa dos meus pontos de vista filosóficos e voltei da guerra com a decisão de elaborar um programa filosófico que me levaria para muito longe dos estudos históricos, da antiguidade tardia, do gnosticismo e assim por diante, a saber: a compreensão filosófica do nosso Ser orgânico, e não apenas o nosso, mas da vida em geral¹⁴. Porque a experiência da guerra e o repensar paralelo dos primeiros princípios me levaram a essa decisão filosófica específica não faz parte da história agora. Em 1945, eu estava bastante decidido a dizer “adeus” ao gnosticismo. Eu também pensei que 12 anos da vida de um filósofo dedicados à investigação de um assunto histórico eram suficientes de aprendizagem, que agora eu deveria atacar diretamente os problemas filosóficos não relacionados com situações históricas específicas. No entanto, tive a experiência de que muitos “Adeus” podem ser um “Auf Wiedersehen” (Até mais) e, de alguma forma, a partir daquele momento, eu tive que viver uma vida dupla em vez de estar em uma única área de trabalho.

Como o meu tempo está se esgotando, permitam-me agora dizer algo sobre o meu retorno à Alemanha, o que, em certa medida, significou retomar o ponto

14 Trata-se da filosofia da vida, que Jonas começou a esboçar nos “Lehrbriefe” (Cartas formativas) de 1944-1945 (Jonas, 2003, p. 348-383) e que o levou até a biologia filosófica desenvolvida nos livros *Organism and Freedom* (Jonas, 2016), *The Phenomenon of Life* (Jonas, 1966) e *Das Prinzip Leben* (Jonas, 2004). [NDT]

em que meu início acadêmico havia sido interrompido; isso foi no contexto bastante dramático de entrada na Alemanha com as forças de ocupação britânicas em 1945. Aliás, isso me deu a oportunidade de cumprir o voto com o qual havia deixado a Alemanha em 1933, ou seja, de nunca mais voltar, exceto como soldado de um exército conquistador. Visitei aqueles que achei que deveria visitar. Havia Karl Jaspers, por um lado, e Bultmann, por outro, mas, infelizmente, não havia Heidegger.

O encontro com Bultmann é tão memorável – reencontro exatamente doze anos depois de ter me despedido dele – que eu devo relatar isso. Em 1945, eu estava na entrada de sua casa, em um traje de batalha de um sargento da artilharia britânico e com minhas condecorações de batalha. A Sra. Bultmann abriu a porta, olhou para mim por alguns segundos e, em seguida, explodiu em uma torrente de palavras e lágrimas. Não confio em mim mesmo para repetir essa cena aqui... Com as palavras “Rudolf, você tem uma visita”, ela me conduziu até o seu escritório. Lá estava ele sentado, como sempre, em sua escrivaninha, pálido, mas tranquilo, com o colarinho largo demais para o seu pescoço encolhido pela desnutrição. “Herr Jonas!”, ele exclamou e correu em minha direção. E então, após a primeira e apressada troca de palavras – nós dois ainda parados no meio da sala – algo inesquecível aconteceu. Eu havia chegado a Marburgo vindo de Gotinga e carregava debaixo do braço um livro que o Sr. Ruprecht, editor de Bultmann e meu, tinha me pedido para levá-lo a ele, pois o serviço de correio civil ainda não havia sido restaurado na Alemanha devastada logo após a rendição. Para este livro embrulhado, Bultmann apontou e perguntou: “Darf ich hoffen, dass dies der zweite

Band der *Gnosis* ist?" ("Posso esperar que este seja o segundo volume da *Gnosis*?")¹⁵. Não tenho palavras para expressar o que essa expressão de interesse amoroso e fé inabalável na continuidade dos negócios da mente fizeram comigo naquele momento. Doze anos cataclísmicos – de Hitler, de uma guerra mundial, da destruição e do colapso da Alemanha, de uma tristeza incalculável – foram superados por essa pergunta surpreendentemente sóbria e comovente. Em meio a todo o barulho ensurdecedor do mundo, ele não havia deixado de pensar nesse assunto inacabado e de se preocupar com isso!

Depois deste encontro, e de alguns outros (como com Karl Jaspers), tornou-se extremamente difícil para mim aceitar a minha decisão de fazer uma ruptura limpa e me manter exclusivamente livre para a tarefa filosófica a que me referi. Depois, com o tempo, vieram outros fatores. Um deles foi o fato de que, de repente, ouvi falar de Nague Hamadi. Creio que foi primeiro na revista *Vigiliae Christianae*, editada por Quispel, que tomei conhecimento desse novo fato e, é claro, prendi a respiração. O que resultaria disso? Por decreto do destino, foi o *Evangelium Veritatis* (Malinine *et al.*, 1956; 1961) que saiu primeiro e isso, é claro, foi irresistível para mim. Esse era o tipo de gnose em que mais pensei a respeito; isso para mim era, de alguma forma o núcleo, a essência do gnosticismo. Com razão, mas por puro acidente, foi a primeira parte do tesouro de Nag Hammadi a tornar-se pública. Então, quando a revista *Gnomon* me pediu para resenhá-lo, eu concordei (Jonas, 1960). E assim, eu estava “dentro” novamente. Um evento após o outro me atraiu de volta – por 15 Jonas, 1954. Na verdade, esse livro embrulhado revelou-se uma cópia do último livro de Bultmann (1941), que o editor não conseguiu entregar antes para o autor.

exemplo, o convite de Ugo Bianchi a Messina em 1966 para apresentar um trabalho sobre a fenomenologia e a tipologia do fenômeno gnóstico (Jonas, 1967) e o surgimento da publicação da tradução inglesa do livro de Jean Doresse *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte* (Os livros secretos dos gnósticos egípcios; Doresse, 1958; 1960), que mais uma vez me pediram para revisar, desta vez, pelo *Journal of Religion* em Chicago (Jonas, 1962); ou um colóquio quase privado de teólogos do Novo Testamento nos Estados Unidos, para o qual James Robinson me recrutou e que costumava se reunir anualmente por ocasião de alguma convenção pública, mais de uma vez em nossa casa em New Rochelle para longas sessões (sustentadas por salada de batata, salsichas e cerveja). Esses eventos, sucedendo um ao outro com o passar dos anos, fizeram com que eu voltasse repetidas vezes ao meu antigo, embora muitas vezes traído, amor – ainda que com a diminuição da expertise nos novos desenvolvimentos do campo. Ainda assim não devo esconder a satisfação que senti quando, em Messina, na primeira conferência internacional sobre gnosticismo (quem poderia ter sonhado que tal coisa acontecesse quando fiz o meu trabalho rebelde no início dos anos de 1930!), descobri que parte do vocabulário que eu havia criado há mais de três décadas havia se tornado parte da língua franca da área e era usado quase que naturalmente.

Mas enquanto isso – uma vez que este não deve ser um relato exclusivamente autobiográfico – o trabalho no campo havia realmente mudado. Muito do que antes era trabalho de adivinhação tornou-se agora um assunto para questões de fato muito sólidas. Infelizmente (ou felizmente?), os textos são de tal tipo que admitem novamente diferentes interpretações. Portan-

to, nunca sairemos realmente do jogo de adivinhação nesse campo. Além disso, desde o momento em que comecei a trabalhar nisso sob Bultmann e com Bousset, Reitzenstein, etc. como as luzes orientadoras, penso que todo o estilo de trabalho neste campo mudou tanto que deve haver agora uma divisão de trabalho, uma distribuição de tarefas, uma coletividade de esforços que justifica e exige o tipo de reuniões que começaram em Messina, das quais esta é a segunda, e que, espera-se que serão repetidas de tempos em tempos. Antigamente, se podia contar com uma publicação ocasional no campo que um sintetizador como eu poderia integrar com o seu conhecimento prévio – algo da caneta de um Reitzenstein ou Schaefer ou Cumont (que não devo deixar de mencionar entre os grandes anciãos), ou de Polotsky ou Henning entre os mais recentes. De alguma forma, o “todo” ainda parecia administrável, se com uma pitada de impudência e ao preço de algum diletantismo. Hoje, no entanto, um processo está em andamento, do qual não preciso contar a este público, mas do qual devo dizer por mim mesmo que agora estou definitivamente à margem, um observador do que os outros fazem.

Às vezes, encontro motivos para acreditar que eu estava certo na maneira como via as coisas naquela época em que ainda não tínhamos as novas evidências. Em outras ocasiões, vejo que provavelmente adivinhei errado. De qualquer forma, como tive a honra com o fato de ser a figura-chave desta reunião e de fazer este discurso, penso que, de certa forma, é um discurso de despedida no que diz respeito à minha própria participação no trabalho em andamento. Não é apenas uma questão de idade, que obviamente é um fator; é uma questão de competência nos campos específicos

do conhecimento. É o dia do coptologista. É o dia do iranologista. O filósofo, o historiador da religião e o explorador da história das ideias têm de submeter-se, por um tempo, ao que os especialistas e aqueles que trabalham com os textos inventam. Haverá novamente um momento em que pessoas como eu poderão tentar a integração e uma nova interpretação do fenômeno total e a extração de alguma relevância filosófica.

Mas, ainda assim, não posso concluir com uma mensagem de resignação ou desistência. Quero dizer, finalmente, algumas palavras sobre porque julgo que o gnosticismo é realmente interessante, além do fato de que tantos documentos foram descobertos, que de alguma forma clamam por edição e interpretação. O que é realmente importante aqui? O que é interessante? Em outras palavras, por que um filósofo deveria gastar o seu tempo na interpretação de tal fenômeno? Agora, eu dei uma resposta a esta pergunta em um ensaio que publiquei pela primeira vez em 1952 sob o título *Gnosticism and Modern Nihilism* (Jonas, 1952), e que mais tarde foi adicionado como um epílogo ao meu livro em inglês *The Gnostic Religion* (Jonas, 2020). O que me atraiu originalmente não foi apenas a casualidade de eu ter que escrever um trabalho de seminário sobre *γνώσις θεοῦ* no Quarto Evangelho. Algo no gnosticismo bate à porta de nosso Ser e de nosso Ser do século XX em particular. Aqui está a humanidade em crise e algumas das possibilidades radicais das escolhas que o ser humano pode fazer em relação à visão de sua posição no mundo, de sua relação consigo mesmo, com o absoluto e com o seu Ser mortal. E certamente há algo no gnosticismo que ajuda alguém a compreender a humanidade melhor do que alguém a compreenderia se nunca tivessem conhecido o gnosticismo. O mesmo pode ser

dito de outros fenômenos históricos, mas aí nunca foi contestado: todos concordam que o conhecimento da Antiguidade grega, de Sócrates e Platão, dos trágicos gregos é uma contribuição essencial para a compreensão do que é o ser humano. Mas para ver isso nesta forma estranha e até mesmo chocante de uma opção extrema sobre o significado do Ser, a condição humana, a importância absoluta da individualidade e a luta para salvar esta individualidade de todos os poderes de alienação que incidem sobre o ser humano – viver na companhia desse tipo de pensamento e de imaginário (neste caso, o veículo de pensamento mais apropriado) é, creio eu, de interesse não apenas para o historiador da religião. Ainda confesso que tenho um interesse filosófico primário pelo tema do gnosticismo e isso é, aos meus próprios olhos, a verdadeira apologia da minha vida como acadêmico, por ter passado tantos anos (com tantos outros desviados à força para atividades não contemplativas) na exploração de um campo do qual os meus colegas filósofos não sabem nada e com o qual a maioria deles não poderia se importar menos. Creio, porém, que a perda seja deles. Assim, gosto de pensar que mesmo no meu atual projeto filosófico, o qual é “tecnologia e ética”, ainda posso lucrar com o que o gnosticismo me ensinou¹⁶.

Pode-se dizer que um elo entre o estudo do gnosticismo e o da situação moderna do ser humano é proporcionado pelo “dualismo” como tal, que tem grande importância na história do que leva a uma filosofia do organismo (Jonas, 1966). O gnosticismo tem sido a encarnação mais radical do dualismo que já apareceu no

16 No começo da década de 1970 Jonas estava pesquisando a relação entre tecnologia e ética (cf. Jonas, 1971; 1973; 1976), o que o levará até a publicação em 1979 do seu livro mais conhecido, *O princípio responsabilidade* (Jonas, 2006). [NDT]

palco da história, e a sua exploração fornece um caso de estudo de tudo o que está implicado nele. É uma divisão entre o eu e o mundo, a alienação humana em relação à natureza, a desvalorização metafísica da natureza, a solidão cósmica do espírito e o niilismo das normas mundanas; e, no seu estilo extremista geral mostra o que realmente é o radicalismo. Tudo isso foi representado nessa peça profundamente comovente como um paradigma duradouro da condição humana. A modernidade analógica do gnosticismo antigo, ou o gnosticismo oculto na mente moderna, me impressionou desde cedo e foi exposta no ensaio que mencionei. Assim, no paradigma gnóstico temos todas essas coisas com a nitidez de uma ingenuidade descarada, e isso prova ser uma ajuda esclarecedora. Eu poderia continuar argumentando acerca de uma analogia entre as coisas gnósticas e as coisas modernas, ou a respeito da relevância das coisas gnósticas para as coisas modernas e do gnosticismo para a filosofia. Mas vocês e eu devemos inevitavelmente suspeitar que o que eu realmente estaria fazendo é tentar me persuadir de alguma continuidade no itinerário intelectual de minha vida – e disso, o próprio eu tendencioso é o último juiz em quem se pode confiar. Mas pelo menos o meu preconceito, pelo que vale, me diz que mantive algum tipo de fé aos meus primórdios teóricos – isto é: ao gnosticismo (cf. Jonas, 2017, parte III). Muito obrigado pela sua paciência.

Tradução de Roberto Franzini Tibaldeo
e Bruno Fonseca Ortega

REFERÊNCIAS

ANDREAS, F. C.; HENNING, W. *Mitteliranische Manichaica aus Chinesisch-Turkestan*. Vol. I-III. Berlin: Akademie der Wissenschaften, 1932-34.

BOUSSET, W. *Hauptprobleme der Gnosis*. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht, 1907.

BOUSSET, W. Gnosis. In: PAULY, A. F.; WISSOWA, G. (orgs.), *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, vol. 7, col. 1503-1533. Stuttgart: Metzler, 1912a.

BOUSSET, W. Gnostiker. In: PAULY, A. F.; WISSOWA, G. (orgs.), *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, vol. 7, col. 1534-1547. Stuttgart: Metzler, 1912b.

BOUSSET, W. *Kyrios Christos*. 2 ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1921.

BOYCE, M. *A catalogue of the Iranian manuscripts in Manichean script in the German Turfan collection*. Berlin: Akademie Verlag, 1960.

BUBER, M. *Drei Reden über das Judentum*. Frankfurt am Main: Rütten & Loening, 1920.

BUBER, M. *Die Legende des Baalschem*. Frankfurt am Main: Rütten & Loening, 1922.

BULTMANN, R. *Das Evangelium des Johannes*. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht, 1941.

BURKITT, F. C. *Church and Gnosis. A study of Christian thought and speculation in the Second Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

CUMONT, F. *Die Mysterien des Mithra*. 3 ed. Leipzig: Teubner, 1923.

CUMONT, F. *Die orientalischen Religionen im römischen Heidentum*. 3 ed. Leipzig: Teubner, 1931.

DORESSE, J. *Les livres secrets des Gnostiques d'Égypte*. Paris: Plon, 1958.

DORESSE, J. *The Secret Books of the Egyptian Gnostics*. Londres-Nova Iorque: Viking Press, 1960.

EYSINGA, G. A. van den Bergh van. Review of Hans Jonas, *Gnosis und spätantiker Geist I*. *Nieuw Theologisch Tijdschrift*, 24, p. 74-77, 1935.

GARDNER, I. Kephalaia. *Encyclopædia Iranica*, 2018. Disponível em <http://www.iranicaonline.org/articles/kephalaia>. Acesso em: 11/07/2024.

GRESSMANN, H.; GUNKEL, H.; HALLER, M.; SCHMIDT, H.; STARK, W.; VOLZ, P. (orgs.). *Die Schriften des Alten Testaments in Auswahl neu übersetzt und für die Gegenwart*. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht, 1911 ff.

HARNACK, A. von. *Lehrbuch der Dogmengeschichte*. Vol. I. Freiburg: Mohr, 1886.

JONAS, H. *Der Begriff der Gnosis. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Hohen Philosophischen Fakultät der Philipps-Universität zu Marburg*. Göttingen: Hubert, 1930.

JONAS, H. *Gnosis und spätantiker Geist*. Parte I – *Die mythologische Gnosis*. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht, 1934.

JONAS, H. Gnosticism and Modern Nihilism. *Social Research*, 19, p. 430-452, 1952. Republicado em Jonas, H., *O princípio vida*, p. 233-252. Petrópolis: Vozes, 2004.

JONAS, H. *Gnosis und spätantiker Geist*. Parte II.1: *Von der Mythologie zur mystischen Philosophie*. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht, 1954.

JONAS, H. Review of Evangelium Veritatis. *Gnomon*, 32, p. 327-335, 1960.

JONAS, H. Review of J. Doresse, *The Secret Books of the Egyptian Gnostics*. *Journal of Religion*, 42, p. 262-273, 1962.

JONAS, H. *The Phenomenon of Life. Toward a Philosophical Biology*. Nova Iorque: Harper & Row, 1966.

JONAS, H. Delimitation of the gnostic phenomenon-typological and historical. In: BIANCHI, U. (org.), *Le origini dello gnosticismo*, p. 90-104. Leida: Brill, 1967. Republicado em Jonas, H., *Ensaio filosóficos*, p. 407-428. São Paulo: Paulus, 2017.

JONAS, H. The Scientific and Technological Revolutions. *Philosophy Today*, 15, p. 79-101, 1971.

JONAS, H. Technology and Responsibility. Reflections on the

- New Tasks of Ethics. *Social Research*, 40, p. 31-54, 1973.
- JONAS, H. Responsibility Today: The Ethics of an Endangered Future. *Social Research*, 43, p. 77-97, 1976.
- JONAS, H. *Erinnerungen. Nach Gesprächen mit Rachel Salaman-der*. Frankfurt am Main-Leipzig: Insel, 2003.
- JONAS, H. *O princípio vida. Fundamentos para uma biologia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- JONAS, H. *O princípio responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- JONAS, H. Organism and Freedom: An Essay in Philosophical Biology. In: *Kritische Gesamtausgabe der Werke von Hans Jonas*. Friburgo-Berlim-Viena: Rombach, 2016. Disponível em http://hans-jonas-edition.de/wp-content/uploads/2016/10/KGA_Hans-Jonas-Kontext-Bd.-II-Organism-and-Freedom.pdf. Acesso em: 11/07/2024.
- JONAS, H. *Ensaio filosóficos. Da crença antiga ao homem tecnológico*. São Paulo: Paulus, 2017.
- JONAS, H. *A religião gnóstica*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2020.
- KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- LIDZBARSKI, M. *Mandäische Liturgien*. Berlim: Weidmannsche Buchhandlung, 1920.
- LIDZBARSKI, M. *Das Johannesbuch der Mandäer*. Giessen: Töpelmann, 1925a.
- LIDZBARSKI, M. *Ginzā. Der Schatz oder das Grosse Buch der Mandäer*. Gotinga: Vandenhoeck & Ruprecht, 1925b.
- MALININE, M.; PUECH, H.-CH.; QUISPEL, G. (orgs.). *Evangelium Veritatis*. Zurique: Rascher, 1956.
- MALININE, M.; PUECH, H.-CH.; QUISPEL, G.; TILL, W. (orgs.). *Supplementum to Evangelium Veritatis*. Zurique: Rascher, 1961.
- NOCK, A. D. Review of Hans Jonas, *Gnosis und spätantiker Geist I*. *Gnomon*, 3, p. 605-612, 1936.
- NORDEN, Ed. *Agnostos Theos. Untersuchungen zur Formenge-*

- schichte religiöser Rede*. 2 ed. Leipzig-Berlin: Teubner, 1923.
- REITZENSTEIN, R. *Poimandres. Studien zur griechisch-ägyptischen und frühchristlichen Literatur*. Leipzig: Teubner, 1904.
- REITZENSTEIN, R. *Das Mandäische Buch des Herrn der Größe und die Evangelienüberlieferung* (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, 1919 Abh. 12). Heidelberg: Winters, 1919.
- REITZENSTEIN, R. *Das iranische Erlösungsmysterium*. Bonn: Marcus & Weber, 1921.
- REITZENSTEIN, R. *Die hellenistischen Mysterienreligionen*. 3 ed. Leipzig: Teubner, 1927.
- SCHMIDT, C.; POLOTSKY, H. J. *Ein Mani-Fund in Ägypten: Originalschriften des Mani und seiner Schüler*. Berlin: Akademie der Wissenschaften, 1933.
- SCHMIDT, C. Neue Originalquellen des Manichäismus aus Ägypten. *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, v. 52, n. 1, p. 1-28, 1933.
- WIDENGREN, G. (org.). *Proceedings of the International Colloquium on Gnosticism, Stockholm August 20-25, 1973*, KVHAA Handlingar Filologisk-filosofiska serien 17, p. 1-15. Estocolmo: Royal Swedish Academy of Letters, History and Antiquities e Leida: Brill, 1977.

Hans Jonas



Hans Jonas (1903-1993) foi um filósofo alemão. É conhecido principalmente devido à sua influente obra *O princípio de responsabilidade* (publicada em alemão em 1979, e em inglês em 1984). Seu trabalho concentra-se nos problemas éticos sociais criados pela tecnologia. Jonas sustenta que a sobrevivência humana depende de nossos esforços para cuidar de nosso planeta e de seu futuro. Formulou um novo e característico princípio moral supremo: “Atuar de forma que os efeitos de suas ações sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana genuína”.

Embora se tenha atribuído a *O princípio de responsabilidade* o papel de catalisador do movimento ambiental na Alemanha, sua obra *O fenômeno da vida* (1966) forma a espinha dorsal de uma escola de bioética nos Estados Unidos. Profundamente influenciado por Heidegger, esta obra tenta sintetizar a filosofia da matéria com a filosofia da mente, produzindo um rico entendimento da biologia, em busca de uma natureza humana material e moral.

A biologia filosófica de Hans Jonas tenta proporcionar uma concepção única do homem, reconciliada com a ciência biológica contemporânea.

Também escreveu abundantemente sobre gnosticismo, pelo que é igualmente conhecido, interpretando a religião como um ponto de vista existencial filosófico. Jonas foi o primeiro autor a escrever uma história

detalhada do antigo gnosticismo. Além disso, foi um dos primeiros autores a relacioná-lo com questões éticas nas ciências naturais. A filosofia de Jonas foi influenciada pela filosofia de Alfred North Whitehead .

TRAJETÓRIA

Jonas nasceu na cidade de Mönchengladbach, em 10 de maio de 1903. Estudou filosofia e teologia em Friburgo, Berlim e Heidelberg, e finalmente se doutorou em Marburg, onde fez estudos sobre Martin Heidegger e Rudolf Bultmann. Lá conheceu Hannah Arendt, quem também estava fazendo doutorado, iniciando uma amizade que duraria o resto de suas vidas.

Em 1933, Heidegger uniu-se ao partido nazista, algo que Jonas tomou pessoalmente, já que era de origem judia e sionista. O fato de o grande filósofo cometer tal ato político fez Jonas questionar o valor da filosofia.

Deixou a Alemanha e foi para a Inglaterra nesse mesmo ano e de lá viajou para a Palestina em 1934. Em 1940 retornou à Europa para participar do exército britânico, que havia formado uma brigada especial para judeus alemães que quisessem lutar contra Hitler. Foi enviado à Itália, e até o final da guerra à Alemanha. Assim cumpriu sua promessa de somente retornar à sua terra se fosse como um soldado de um exército vitorioso. Durante a guerra escreveu numerosas cartas, tanto filosóficas como amorosas, a Lore, com quem se casaria em 1943.

Imediatamente após a guerra, voltou a Mönchengladbach, para buscar a sua mãe, porém descobriu que ela havia sido enviada a câmaras de gás de Auschwitz.

Sabendo disto, rechaçou a ideia de viver outra vez na Alemanha. Retornou à Palestina, e tomou parte na guerra árabe-israelense de 1948. Apesar disso, sentiu que seu destino não era ser um sionista, mas ensinar filosofia. Jonas deu aulas na Universidade Hebraica de Jerusalém, brevemente, antes de mudar-se para a América do Norte. Em 1950 foi para o Canadá, ensinando na Universidade de Carleton, e de lá se mudou para Nova York, em 1955, onde viveu o resto de seus dias. Trabalhou para a Nova Escola de Investigações Sociais entre 1955 e 1976, e morreu em 5 de fevereiro de 1993, aos 89 anos.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Éliada Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmam
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini



- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Caí - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutyrá de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moisés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Eloir Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro

 UNISINOS